

A CASA TOMBADA

Centro de Estudo, Pesquisa e Experimentação
em Arte, Educação e Linguagem

FACONNECT

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU: PEDAGOGIA
DAS MIUDEZAS NA EDUCAÇÃO DAS
INFÂNCIAS: SOBRE EPISTEMOLOGIAS,
UTOPIAS E TEIMOSIAS, REALIZADO PELO
PÓLO A CASA TOMBADA - CENTRO DE
ESTUDO, PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO EM
ARTE, EDUCAÇÃO E LINGUAGEM, DA
FACONNECT - FACULDADES INTEGRADAS

LIDIANE SOUZA DA SILVA

POR TRÁS DAS LENTES, O QUE SE VÊ?

2025

RESUMO

Em construção

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia. Infância. Observação. Registro.

ABSTRACT

Em construção

KEYWORDS : Photography. Childhood. Observation. Documentation.

Por trás das lentes, o que se vê?

A fotografia é uma metáfora para qualquer pessoa se debruçar, conversar, interpretar e compartilhar sobre o que ela vê, como ela vê e porque ela vê, seja o assunto que for. No nosso caso, a infância.

André Carrieri

Para falar sobre a fotografia hoje me fez resgatar a minha experiência profissional com a prática do registro por imagens. Nem sempre a fotografia se fez presente em meu cotidiano enquanto professora, mas foi enquanto coordenadora pedagógica e mais tarde atuando como diretora num Centro de Educação Infantil que me vi mais próxima da ferramenta.

Estar do lado de fora da sala observando como o uso das imagens se perpetuam nos murais, documentações pedagógicas e em outros meios de comunicação utilizados pela unidade, me levou a olhar todo esta engrenagem com mega pixels maiores.

Confesso que fotos lindas são capturadas, ângulos e ajustes de luzes e sombreados estão em alta, mais sinto que falta o essencial, compreender o que há por trás das lentes, convergente o olhar atento e investigativo do adulto às infâncias e suas revelações.

Por que e para que fotografar?

Estávamos nos preparando para mais um encontro com as famílias e percebi um alvoroço coletivo para a impressão de fotos, a equipe pedagógica estava empenhada em rechear os murais da unidade com as fotos das vivências dos bebês e crianças. Eram muitas fotos de todos os agrupamentos.

Passado o encontro com as famílias fomos apreciar as mostras dos grupos e os murais recheados não passaram despercebidos, era muitas fotos e observando-as me peguei a pensar: Por que e para que fotografar? Esta foi a pergunta disparadora em um dos momentos formativos com a equipe do CEI (Centro de Educação Infantil) onde atuo.

As respostas que a priori pareciam ser óbvias ao modo em que fomos nos aprofundando no diálogo foram dando espaço para importantes reflexões, peço licença para compartilhar algumas respostas que recebi:

Pra que fotografar?

- Fotografamos para guardar momentos que não voltam;
- Para eternizar expressões, lugares, gestos e sentimentos que, de outra forma, poderiam se perder na lembrança;
- Para compartilhar o que foi vivido com muitas outras pessoas;
- Comunicar o que muitas vezes não conseguimos dizer em palavras;
- Para registrar, documentar as vivências e experiências realizadas pelos bebês e crianças;
- Também serve como instrumento de estudo e análise, seja na ciência, na educação ou no cotidiano, permitindo observar detalhes invisíveis ao olhar imediato;
- Por que também é entendido como um recurso pedagógico.

Para que fotografar?

- Fotografamos porque sentimos a necessidade de dar sentido ao que vivemos;
- Para preservar, contar e ver-se pertencer a algo que aconteceu;
- Para ter o registro de cada momento e compartilhar cada vivência com o todo;

- Fotografamos para não esquecer, para emocionar, para denunciar, para inspirar e para construir uma narrativa pessoal ou coletiva do mundo.

Partindo da devolutiva das professoras fiquei com a percepção de que o processo que antecede a fotografia, a beleza que acontece antes do click não se fazia presente nas ações cotidianas, como se o que realmente o produto final, a foto, fosse o grande triunfo de toda ação.

Foi neste momento formativo com o grupo que senti a necessidade de nos aprofundarmos ainda mais nesta temática, entendendo o registro fotográfico como forma de sistematizar e tornar memória palpável revelando as vivências nas infâncias.

Em resumo, fotografar é tanto um exercício de memória quanto de expressão: é olhar com atenção, interpretar com sensibilidade e registrar com intenção aquilo que nos toca.

[...] tomamos a fotografia não como documento socialmente realista e objetivo do cotidiano, mas como uma linguagem de caráter estético, que cria ou narra uma história. E aqui é preciso pontuar que o fato de ser uma produção ficcional, não quer dizer que seja menos real, uma vez que é a interpretação de um real, só que um real que não se deixa congelar ou aprisionar, visto que, cada olhada para ele, nos permite novas significações, e, conseqüentemente, novas possibilidades de compreender as representações da sociedade em um determinado período histórico. (SILVA; SCHIFINO, 2019, p. 653)

O que fica fora de foco?

Observar o celular nas mãos de uma professora passou a ser uma cena comum no cotidiano, as fotos vão para os murais das escolas, se tornam públicas nas plataformas digitais existentes, enriquecem e valorizam o percurso de desenvolvimento dos pequenos na documentação pedagógica. As fotos ganham cada vez mais significado para contar e tornar público o vivido coletivamente ou no individual.

A fotografia, desde a sua descoberta, vem acompanhando o mundo contemporâneo, no qual novas tecnologias têm possibilitado registrar cenas, pessoas, objetos e locais diversos. A facilidade do uso da câmera por meio do celular tem produzido um impulso pelo “click”, que Carrieri (2018) chama de “incontinência fotográfica”,

para o bem e/ou para o mal Facebook, Instagram, WhatsApp, são marcas inequívocas do nosso tempo, [...] todas elas juntas são uma pista evidente que as experiências fotográficas vão se multiplicar de tal forma que os tempos atuais serão apenas pré-história desse movimento. (CARRIERI, 2018)

A galeria cheia em nossos celulares, contendo inúmeras fotos nos levam a pensar um desafio comum, que é a dificuldade em escolher. Queremos registrar tudo a todo momento, toda e qualquer situação vai sendo capturadas e armazenadas. Façamos uma experiência de visitar nossos bancos de imagens e nos recordar das histórias que antecedem os clics.

Refletindo sobre a habilidade em observar, fotografar e registrar me peguei pensando em uma outra expertise que vem antes de todas estas, chamada intencionalidade. Escolher exige um olhar diferenciado.

Fica a pergunta: Se não houvessem fotos como as vivências seriam reveladas? Como detalhes importantes seriam contados? Como destacaríamos tudo aquilo que chamou mais a atenção em determinado contexto? A resposta para todas estas indagações exigiria um esforço grandioso para nos possibilitar observar, escutar, refletir e sistematizar a cena vivida.

O ato de fotografar envolve espera, envolve escuta ao que está acontecendo ao redor, envolve planejamento e foco no foco. Não se pode entender que a foto seja o único caminho para contar e eternizar o vivido, para contar uma história que apenas os envolvidos naquela determinada história vivenciaram e sentiram.

Converter a máquina fotográfica interior em práticas que valorizam as cenas reais, esse é um ajuste que possivelmente não estará disponível em todo app de aplicativos, essa é uma capacidade individual, exercitada, melhorada e ajustada por meio da prática, por meio da escuta, por meio da espera necessária e também pelo distanciamento devido.

“já se disse que ‘o analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar’. Mas um fotógrafo que não sabe ler suas próprias imagens não é pior que um analfabeto?”.

BENJAMIN, Walter.

Observar é estar presente, fotografar é reconhecer e registrar, é narrar, juntas estas ações criam documentação pedagógica viva, resgate da escuta e valorização do simples que se torna valioso.

Mas só observar não basta. É na prática que o conhecimento se transforma em experiência viva. Praticar é experimentar, arriscar, errar e tentar de novo; é colocar em ação o que aprendemos e, ao mesmo tempo, aprender ainda mais. A prática nos desafia a sair do campo das ideias e a lidar com a realidade, com suas imperfeições e possibilidades.

A intencionalidade da fotografia atenta ao que estamos pesquisando, se torna mais importante do que a técnica. É na beleza da intenção da professora que se torna visível o invisível, nos permitindo viver uma experiência, sem ao menos estar presente nela.

Por trás das lentes, o que se vê?

Há quem diga que em dias atuais os bebês parecem nascer prontos para tirar fotos e selfs. Cada vez mais estão cercados desta ferramenta e tecnologia, passa a ser uma prática comum no universo adulto e infantil, estão cada vez mais cercados de câmeras e flash, desde o nascimento sua cronologia vai sendo eternizada por meio de imagens, adiante, estas imagens tornam-se retrospectivas das diferentes fases do crescimento.

Respeitar os tempos, espaços e os modos em que os bebês e crianças realizam as suas pesquisas, sem ser invasiva, sem fazer atropelos pela melhor foto, sem constranger e tornar-se um convidado indesejável. Silenciar para observar, capturar detalhes, ouvir com orelhas verdes, como diria Gianni Rodari.

A fotografia como uma presença não invasiva nos aproxima da capacidade que a professora necessitará para construir os seus elementos e sistematizar o vivido, tornando-se um aliado para eternizar detalhes muitas vezes despercebidos.

A cena vai acontecer, no melhor momento, no respeito ao tempo do bebê e da criança, atentando-se e interessando-se verdadeiramente ao que os pequenos se dedicam a conhecer, experimentar e pesquisar. A cena vai acontecer e será linda. Lentes limpas, zoom do olhar adulto ajustado, focando no que mais se quer revelar, ao final, teremos protagonistas em ambos os lados, a criança e o adulto.

Além disso, o ato de fotografar é também uma forma de reconhecimento da infância como tempo pleno, e não como espera por um "vir a ser". Ao registrar, o adulto diz à criança: "o que você vive agora importa, tem valor, merece ser lembrado."

Bruna Ribeiro nos convida a ver a escuta por uma perspectiva participativa. Escutar, nesse sentido, é também agir junto. É permitir que a criança participe das decisões que a envolvem, que tenha voz e vez nos espaços que ocupa. É reconhecer sua potência de criar, de pensar e de intervir.

Quando o adulto escuta de forma participativa, ele não se coloca como quem detém o saber, mas como quem constrói junto, em diálogo. Aliado a observação, reflexão e documentação, ferramenta que nos ajuda a contar uma história, que dá voz e potência ao vivido na pedagogia das infâncias.

Sair de cena e deixar o espetáculo das infâncias acontecer

Ao contrário do que se compreende ao pé da letra, sair de cena não significa ausência, mas sim, presença cuidadosa e não invasiva. É a possibilidade da criação de um espaço seguro, rico e aberto, é sobre não roubar a cena.

Isso é um cuidado, é o respeito na prática ao que está sendo construído pelos pequenos, é valorizar cada conquista, tentativas, leituras de mundo que apenas bebês e crianças são capazes de praticar.

Há uma beleza em quando deixamos de interferir, é preciso considerar que a criança não precisa de roteiro, ela é pura e mestra em criar, ressignificar, improvisar e inventar. O adulto que sabe assistir aprende mais do que ensinaria.

Fotografar a distância é possível, é mais do que apenas ver, é selecionar, enquadrar, dar atenção a certos detalhes da realidade, como quem escolhe o que fica dentro de uma fotografia e o que fica de fora. É um olhar consciente, que capta instantes e os transforma em significados.

Quando falamos em acolher o outro especialmente a criança é estabelecer uma relação verdadeira, estamos entrando no território da escuta sensível, da presença afetiva e do respeito à singularidade. A criança, em sua forma intensa e direta de ser, exige de nós um olhar fotográfico e um coração disponível.

A medida que nos distanciamos daquilo que destacamos como objetivos estipulados por nós, adultos, damos voz e vez ao assombro de tudo aquilo que eu alcançar no outro, como o ciclo da empatia ativa: o que toco no outro, toca em mim.

Narrar não é apenas dizer o que se ouviu. É recontar com alma, é transformar escuta em significado. O bom narrador é aquele que escuta tão bem que consegue falar com voz própria sem roubar a do outro.

Aprender a escutar é um exercício intenso de se perceber suficientemente para estar aberto a se deixar para perceber o outro.

Paulo Fochi

Álbum de fotos das miudezas

Dia de sol, turmas se organizando para ir realizarem as propostas nos espaços externos do CEI, aquela agitação que conversa com a criatividade e entusiasmo das meninas do avental azul (professoras do CEI). Tudo certo, lá se vão os bebês e crianças maiores para viver a vida do lado de fora.

Mal os bebês e crianças se conectam com as ofertas e se ouve, clic pra lá e clic pra cá. Percebo que para a professora não se pode perder um flash a cada cena, que para ela é importante e merece ser registrada com a foto. Estas fotos, posteriormente irão para os murais da escola e poderão virar um vídeo para enviar às famílias.

De longe vejo a cena da cena retratada e fico reflexiva, será que estamos vendo as mesmas cenas? O adulto que observa o adulto e o adulto que acredita estar observando os bebês.

O bebê ensaia uma aproximação com algumas folhas do pé de goiaba caídas ao chão, pega algumas com as mãos, tenta aproxima-la ao nariz e adivinha o que acontece? Clica e mais clica. De longe quase dei um grito mas me contive. O bebê (Levi) logo largou a folha e ensaiou querer segurar o bendito celular com as mãos, e aí sim o aparelho retornou para onde jamais deveria ter saído, o avental azul.

De longe ouço a professora dizendo: “Ah não, bem na hora da foto Levi soltou a folha, essa foto iria ficar linda!”

Tentando apoiar a professora eu me ofereço a segurar o avental dela, estava calor, um acessório a menor ajudaria muito. Corri e o guardei e adivinhem o que estava no bolso? Tcharan... O celular da professora. Acho que agora sim Levi estaria pronto para curiosar (Fátima Freire Dowbor).

Quem nunca brincou de olhar para as nuvens e encontrar alguma forma conhecida, um cachorro, um pirulito e tantas outras possibilidades? Crescemos e perdemos ou não está capacidade de imaginar e criar.

Um bebê que faz a sua pesquisa com uma folha de árvore caída pode estar fazendo diversas conexões simultâneas, ele sente cheiro, textura, peso, sabor entre outras, que de verdade, só o bebê é capaz de nos revelar.

Registrar estas miudezas nos leva a exercer um papel investigativo, tão pesquisador quanto o bebê, pois quem é capaz de identificar e valorizar estas miudezas acaba encontrando caminhos surpreendentes, caminhos para se reencantar com o que é simples e por isso, essencial.

Dias depois no momento de planejamento tive a oportunidade de visitar aquele mesmo dia de sol em que Levi explorava a folha caída ao chão. Provoquei a professora a contar para uma outra pessoa aquela mesma cena fotografada e a conversa se deu nesta outra perspectiva do olhar, o que é contado.

Percebi que haviam ricos detalhes não capturados pela câmera, houveram movimentos de Levi que passaram despercebidos, suas mãos fizeram conexões e experimentos que passaram pelo clic.

Foi nestes relatos que as reflexões aconteceram, observar foi o primeiro passo para compreender a pesquisa feita por Levi, abrindo os olhos e os sentidos para captar os detalhes, as nuances e os movimentos que passaram despercebidos. A observação nos convida à pausa, à escuta, à percepção atenta daquilo que esteve diante de nós.

Clic que dá certo, o casamento entre a observação, fotografia e o registro

A observação se torna natural, parte da docência na educação infantil: ocupa-se dos bebês e das crianças, do mesmo modo que os observa como uma ação integrada. Uma observação atenta e muitas vezes dividida entre o individual e o coletivo.

Marcela Juliana Chanan

A fotografia, assim como a escrita revela o olhar do professor e todas as escolhas que precisa fazer para organizar os registros e compor a relação texto e imagem. Existem professores mais descritivos, mais poéticos, que entrelaçam mais facilmente vários saberes e todos são válidos, a diversidade de formas de fazer e expressar é enriquecedora para o grupo docente. O convite é A fotografia acontece antes do clic.

Mais do que simplesmente "registrar momentos", trata-se de um olhar atento e sensível, que reconhece a criança como protagonista de suas experiências. Cada clique é um recorte de mundo, uma forma de contar a história que se desenha entre o brincar, o investigar, o experimentar.

O entrelace entre a observação, fotografia e registro nos abre portas para a valorização de uma escrita que converse com o cotidiano dos bebês e crianças e ao fazer pedagógico, valorizando suas singularidades e pluralidades.

Se consideramos que a foto é uma forma de passar, contar, compartilhar uma mensagem, olhar para as escritas que compõem os murais também passou a ser um ponto de atenção e fizemos este exercício. Em um dos momentos formativos com a equipe provocamos as professoras

a identificarem quais linguagens existiam, o ponto disparador foi identificar o modo como o cotidiano capturado em fotos revelavam expressões, olhares e interações entre pares e com o espaço.

Como os registros complementavam as fotos? Como as narrativas estavam sendo valorizadas? Quais fotos pareciam ser desnecessárias? Quais não revelam contexto algum? Perguntas como estas fizeram parte da roda de conversa. Sim, gente grande também precisa rodar as ideias para a fluidez das suas ressignificações.

Considero que o grupo de professoras permanece em processo de reflexão e construção de histórias contadas por meio de fotos e escritas, tecendo fio condutores a enredos que nos permitem sentir vivenciar diferentes histórias sem ao menos ter vivenciando-as.

Murais contam histórias, fotos revelam o vivido e as escritas dão a entonação necessária, podemos dizer então que juntos, temos o clic que dá certo.

Bibliografia

CARRIERI, André. *Por uma alfabetização da “câmera interna”*. 2018. Disponível em: <https://blog.institutosingularidades.edu.br/por-uma-alfabetizacao-da-camera-interna/> Acesso em: 10 dez. 2022.

CARRIERI, André. *Professora, a câmera é o seu brinquedo!* 2014. Disponível em: <https://www.dialogosviagenspedagogicas.com.br/blog/professora-a-camera-e-o-seu-brinquedo> Acesso em 10 dez. 2022.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a cultura*. Campinas: Summus, 1984. (Novas Buscas em Educação, v. 17).